

## **Weltanschauung Católica e Espiritualidade**

(Conferência no I Congresso Internacional Educação e Espiritualidade, São Paulo, 4 a 6-9-2010)

Jean Lauand

Prof. Titular Feusp – jeanlaua@usp.br

**Resumo:** O estudo contempla três grandes valores da *weltanschauung* católica, que se apoiam no conceito católico de criação: a autonomia das realidades temporais; a mística do cotidiano e a primazia da virtude da prudência, que se funda no mistério. Da presença do *Logos* na Criação, surge a possibilidade da mística do cotidiano: para além das sacristias, o encontro com Deus dá-se nas realidades mais simples da vida de cada dia.

**Palavras Chave:** Antropologia Católica. Espiritualidade. Teologia da Criação. Catolicismo e mundo.

**Abstract:** This paper studies three values of the Catholic *weltanschauung*, based on the concept of Creation: the autonomy of secular, earthly realities; the mystic of the ordinary; and the primacy of prudence. The presence of the *Logos* in Creation makes possible the mystic of everyday life: beyond the sacristies, God is to be found in everyday life.

**Keywords:** Catholicism. Spirituality. Theology of Creation.

### **Considerações prévias: o caráter problemático do tema**

Inicialmente, quero agradecer à Profa. Dra. Dora Incontri e aos demais organizadores pelo honroso convite para discutir o tema: “Catolicismo como fonte de valores”.

O tema é problemático sob diversos aspectos. Primeiramente, pelo caráter amplo da palavra: de qual catolicismo, em cada caso, estamos falando? A rigor, haveria que distinguir diversos planos, por vezes opostos: o institucional, da hierarquia e dos documentos oficiais (Cúria Romana, Código de Direito Canônico, Catecismo da Igreja Católica, etc.); o da mentalidade e da prática religiosa católica em diversos países e regiões; o das diversas famílias e congregações que se abrigam sob o manto institucional da Igreja (jesuítas e franciscanos, por exemplo, têm historicamente posturas muito diferentes); etc.

Uma outra dificuldade reside no fato de que alguns valores (ou a interpretação desses valores...), proclamados formalmente, nem sempre são traduzidos nas pastorais e nem sequer na pregação de diversos setores católicos, oficiais ou não. Como veremos, alguns dos principais valores do catolicismo são, por vezes, afirmados em seu *corpus* doutrinal, mas ignorados ou negados na prática.

Nem sempre é claro e unívoco o que é “católico” e vemos grupos católicos acusando-se mutuamente de não terem o espírito da Igreja. Os católicos que se queixam do peso institucional da estrutura eclesial, bem que poderiam falar em um *Catorex*<sup>1</sup> (Catolicismo Realmente Existente); distinguindo a Igreja da burocracia que a governa e pretendendo “*pas une autre Église, mais une Église autre*”. Essas críticas ao institucional – presentes em todas as religiões, mas em especial no catolicismo – se tipificam na sugestiva fábula indiana, incomparável em sua concisão:

---

<sup>1</sup> Parafrazeando o dissidente Rudolf Bahro, que em 1977, publicou *Zur Kritik des real existierenden Sozialismus*, com suas queixas ao “Socialismo Realmente Existente”, *Sorex*, o socialismo burocrático, distante dos ideais de autenticidade da militância.

Um mestre diabo inspecionava a Terra na companhia de um acólito. Tudo em boa ordem de corrupção, podridão, vício, guerra... Até que o novato chama a atenção do sênior para uma bolsa, uma nesga, um oásis de Verdade no Mundo, propondo-lhe rápida intervenção. Sem se alterar, o velho diabo responde-lhe, sabedor: “ – Uma verdade? Fica tranquilo. Logo virão institucionalizá-la.” (Cunha, 2006, pp. 33-34)

Ou naquela queixa expressa na cena de Gibran (1926):

A cada cem anos, Jesus de Nazaré encontra-se com o Jesus dos cristãos, num jardim nas colinas do Líbano. Conversam longamente e, cada vez, Jesus de Nazaré vai-se embora dizendo ao Jesus dos cristãos: “Meu amigo, temo que não iremos concordar jamais”

Bem ou mal, a máquina organizacional, herança romana, é inevitável: trata-se de uma instituição bimilenar e que conta com 1.166 bilhão de fiéis (segundo o Anuário Estatístico do Vaticano de 2008) –, e essa máquina administrativa está evidentemente sujeita a disfunções (certamente o Islã, em 2008, superou essa cifra, mas o Islã não pode ser comparado ao catolicismo em termos de estrutura organizacional). Um caso exemplar em que se manifesta o peso da máquina administrativo-burocrática do Vaticano é o da edição do novo Catecismo da Igreja Católica: após anos de redação, foi publicada em 1992 uma versão provisória e, passados cinco anos de experiência, veio a versão definitiva, corrigida pela Cúria Romana, com seus quase dois mil anos de experiência (as sutis correções da Cúria podem ser vistas em <http://www.jeanlauand.com/SV.doc><sup>2</sup>).

Acresça-se a tudo isto o fato de que, muitas vezes, valores e contra-valores diferenciam-se apenas por uma questão de ênfase e teremos ampliado o caráter problemático de nosso tema. Seja como for, esperamos que fique claro, em cada caso, o sentido dos tópicos que aqui vamos discutir.

### **O catolicismo invisível como fonte de valores**

Há, para começo de nossa discussão, um “catolicismo invisível”, enraizado entre nós de modo difuso, na educação informal, como diz o insuspeito José Saramago (1996, p. 81, 31.III) : “Há uma evidência que não deve ser esquecida: no que respeita à mentalidade, sou um cristão”.

E este é um ponto que torna problemática, em alguns casos, a pretensão de laicidade do estado: para além dos crucifixos em locais de serviço público ou do feriado de *Corpus Christi*, não há como eliminar o catolicismo impregnado em formas invisíveis, culturais: não haveria carnaval se não fosse pela quaresma; o descanso semanal é no domingo, dia do Senhor; etc. Ou – para ficarmos com um par de exemplos menos evidentes – os nomes dos dias da semana ou nossa forma de felicitação: “Parabéns”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Apresento já aqui um exemplo: o caso do ponto 2352 do Catecismo, no qual a versão original de 1992 indicava a necessidade de se levar em conta na avaliação moral da masturbação diversos fatores psíquicos ou sociais “*que reducen, e incluso anulan la culpabilidad moral*”; formulação que foi reformulada pela Cúria em 1997 por: “*que pueden atenuar o tal vez reducir al mínimo la culpabilidad moral*”. Na substituição de “reduzem” por “podem atenuar”, a introdução do “podem” é de efeito psicológico, pois, uma vez que são subjetivos os fatores atenuantes (“imaturidade afetiva, força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais”), sua função parece ser só a de manter a sensação de culpa (o fiel não pode excluir a culpa, auto-avaliando fatores subjetivos).

<sup>3</sup> Um estudo amplo sobre a influência da teologia católica em nossa linguagem comum encontra-se em: [http://www.hottopos.com/notand1/antropologia\\_e\\_formas\\_quotidiana.htm](http://www.hottopos.com/notand1/antropologia_e_formas_quotidiana.htm)

Os dias da semana. Quando um falante da língua portuguesa, seja protestante, ateu ou agnóstico, fala: segunda-feira, terça-feira etc. está pagando um tributo ao catolicismo, como faz notar o papa João Paulo II (*Dies Domini*, Nota 22). Os nomes dos dias da semana nas outras línguas remetem a divindades pagãs/planetárias: do dia de Thor (*Donnerstag*, *Thursday*, *Thor's day*) aos *martes*, *lundi*, *saturday* etc. Ora, *feria* em latim é a palavra para festa e como faz notar Josef Pascher: para a liturgia católica todo dia é dia de festa e é por isto que a liturgia chama o dia comum (que não é comum: é sempre de festa) de *feria*... Festa, porque o sacrifício de Cristo, a Santa Missa, se realiza em meio à criação: toda a criação é – por Cristo, com Cristo e em Cristo – oferecida ao Pai. Assim, a liturgia fala em *feria*, celebrando a Cristo. Comentando o Salmo 93 (*En. in Ps.* 93, 3), S. Agostinho reafirma que a única forma cristã de nomear os dias da semana é pela *feria*: "O primeiro dia depois do sábado é o domingo, dia do Senhor; o segundo é a *secunda feria*, à que os profanos chamam *diem Lunae*; a *tertia feria*, *diem illi Martis*; a *quarta feria* é o que os pagãos chamam de dia de Mercúrio e o pior é que muitos cristãos também... Não admitamos isto! Oxalá se corrijam e abandonem este modo de falar e usem a linguagem que é nossa (...) pois Cristo aboliu as superstições"<sup>4</sup>.

A teologia católica produziu algumas formas de nossa linguagem cotidiana, como a de felicitação: "Parabéns". De Agostinho a Tomás, o problema do mal equacionou-se como ausência de bem. Os dois grandes doutores, combatem o maniqueísmo, que afirma um princípio positivo do mal: a matéria (o corpo, o sexo, a bebida etc.), em oposição a Deus, princípio do bem, o espírito. A doutrina católica recusa essa demonização da matéria e afirma um único princípio criador: Deus, que criou o corpo e o espírito, "o Céu e a Terra; todas as coisas visíveis e invisíveis". Nesse quadro, em que todas as coisas são boas, o mal aparece apenas como distorção do bem e, daí, o nosso "parabéns". Pois, qualquer bem obtido (o dom da vida, dinheiro ou a conquista de um diploma) pode, como todo mundo sabe, ser empregado para o bem ou para o mal. Por exemplo, o dinheiro, em si, não é mal, mas pode ocasionar o mal para a pessoa (como nas ruínas de harmonia familiar em casos de herança ou, como dizia o poeta: "dinheiro na mão é vendaval"). Assim, se você ganha na loteria, eu, como amigo, lhe digo: Parabéns! Uma advertência católica de que seja para bens e não para males, não se deixe corromper por esse prêmio.

### **O conceito católico de Criação como fonte de valores**

Indicaremos, a seguir, três grandes valores da *weltanschauung* católica, que se apoiam no conceito católico de criação: a autonomia das realidades temporais; a mística do cotidiano; e o sentido do mistério com a primazia da virtude da prudência. Não é de estranhar que esses pontos remetam ao pensamento de Tomás de Aquino, o principal referencial da doutrina católica. Em cada caso, indicaremos um estudo mais completo sobre o tema. Advirto, desde já, que a presença desses valores na doutrina não significa, de modo algum, que eles sejam praticados (ou mesmo conhecidos) pela imensa maioria dos católicos e até pela hierarquia eclesiástica.

---

<sup>4</sup> Nessa mesma linha, S. Tomás diz (*Super Ev. Io.* cp 20 lc 1) diz que o domingo é a "primeira feira", *prima feria*, e isso por causa da Páscoa (e da missa): assim como o Gênesis começa com o dia, assim também a Páscoa em que principia o mistério da nova criatura e se renova a face da terra é o Dia, a *Feria*. A Páscoa é o dia da Ressurreição no qual *inchoabitur dies aeternitatis*, "começa o dia da eternidade, no qual já não se alternam dia e noite, pois o Sol que faz esse dia, já não morre"

### **Primeiro ponto: a autonomia das realidades temporais<sup>5</sup>.**

Comecemos por recordar uma cena evangélica, que começa com uma sentença de Cristo importantíssima, mas, também ela, infelizmente, esquecida pelos católicos. Imensamente conhecida é a outra sentença dessa cena, bela e poética mas menos relevante: “Olhai os lírios do campo...; olhai as aves do céu”.

Trata-se de um episódio *aparentemente* intranscendente: "um da multidão" aproxima-se de Cristo e faz um pedido: que Jesus use Sua autoridade para convencer seu irmão a repartir com ele a herança (Lc 12, 13). Para surpresa daquele homem (e contrariando a mentalidade antiga e a oriental, que uniam o poder religioso a questões temporais...), Cristo recusa-se terminantemente a intervir nessa questão: "Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro de vossa partilha?" (Lc 12, 14). O máximo a que Cristo chega é a uma condenação genérica da cobiça, contando a esses irmãos a parábola do homem rico cujos campos haviam produzido abundante fruto e com o célebre convite à contemplação dos lírios: "Olhai os lírios do campo...".

Vale a pena uma comparação com o Islã, pois muito diferentes são as coisas no mundo muçulmano. Roger Garaudy, no capítulo “Fé e Política” mostra como a *tawhid* (unidade, dogma central islâmico) muçulmana se projeta sobre a política, o direito e a economia: “Deus é o único proprietário e ele é o único legislador. Tal é o princípio de base do Islã em sua visão de unidade (*tawhid*)”.<sup>6</sup>

Garaudy tem razão ao afirmar que não se dá no Islã (não há sacerdotes), uma teocracia clerical de tipo ocidental, mas é inegável, também, que a visão muçulmana tem favorecido uma forte e arraigada teocracia própria e não por acaso o chefe político se intitula *ayyatullah*, “sinal de Deus”. O que não impede que, concretamente, a Igreja muitas vezes tenha sucumbido à tentação da teocracia e o Islã tenha dado lições de tolerância ao longo da história... E talvez o fundamentalismo muçulmano de nossos dias se deva mais a problemas políticos do que a questões de fé. Seja como for, ainda hoje no Irã, o governo antes de dar um “habite-se” para uma construção inspeciona as latrinas para certificar-se de que não estão apontadas para Meca. E o regime Taliban chegou a instituir um “Ministério do Vício e da Virtude”, que regulava não só as vestes femininas e o comparecimento às mesquitas, mas até as manifestações verbais das torcidas nos estádios.

Mas voltemos à emblemática questão da herança: se Cristo se recusa a entrar em detalhes concretos, o Alcorão (4, 11 e ss.), pelo contrário, diz expressamente:

Allah vos ordena o seguinte no que diz respeito a vossos filhos: que a porção do varão equivalha à de duas mulheres. Se estas são mais de duas, corresponder-lhes-ão dois terços da herança. Se é filha única, a metade. A cada um dos pais corresponderá um sexto da herança, se deixa filhos; mas se não tem filhos e lhe herdaram só os pais, um sexto é para a mãe. Etc., etc.”. E conclui: “De vossos ascendentes ou descendentes, não sabeis quais vos são os mais úteis. Isto compete a Allah. Allah é onisciente, sábio.

Essa pressão religiosa suscitou o surgimento da ciência da Álgebra, na “Casa da Sabedoria” de Bagdá, para, literalmente equacionar a sura IV.

Contrastemos com o catolicismo. Para a doutrina católica, o mundo é criação de Deus e obra de sua Inteligência: o mundo foi criado pelo *Logos*, pelo *Verbum* e, portanto, conhecer o mundo é conhecer sinais de Deus. E mais: cada criatura é porque

---

<sup>5</sup> Um estudo mais completo sobre o tema encontra-se em: <http://www.hottopos.com.br/notand5/algeb.htm>

<sup>6</sup> Garaudy, Roger *Promessas do Islam*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 70.

é criada inteligentemente por Deus, participa do ser de Deus. E pode ser conhecida porque recebeu seu ser da Inteligência criadora de Deus. O Deus católico é *Emmanuel*, Deus conosco, e pela Encarnação, a eternidade de Deus ingressa na temporalidade e Cristo encabeça, re-capitula (como diz o *Catecismo da Igreja Católica*) toda a realidade criada.

A doutrina católica, com Tomás de Aquino, leva a sério e às últimas consequências o *Prólogo* de João. Assim, se o *Logos* criou todas as coisas, isto significa que as coisas têm - por Criação - uma inteligência fundante estruturando-as por dentro. Então, se eu quiser, digamos, plantando castanhas, eu devo estudar “castanho-*logia*”, conhecer a racionalidade natural das castanhas (quando devo plantá-las, como adubar etc.) e não procurar iluminações na religião ou nos ministros religiosos. Se eu quero trabalhar com fígado eu devo estudar hepatologia, o *logos*-do-fígado, e pretender invocar livros sagrados ou autoridades clericais para o tema seria não só descabido, mas até mesmo uma blasfêmia: negar a ação criadora do *Logos*.

E a compreensão natural dessa realidade com que o homem se encontra é fundamental para a Teologia. Lembremos que, em 1270, Tomás enfrenta sozinho, em Paris, uma duríssima batalha intelectual, sustentando a unicidade da alma como forma, a dignidade da matéria no homem contra o espiritualismo desencarnado vigente. Parece incrível que o catolicismo, vivendo na prática essa tese da alma como forma, insistisse em negá-la na Teologia e, ainda hoje, na pregação.

O que o pensamento de Tomás legou à doutrina católica é a recusa da dicotomia: alma x corpo: a incomunicação entre espírito e matéria. O que a doutrina católica, a partir do Aquinate, vai afirmar é o homem total, com a *intrínseca* união espírito-corpo, a alma como *forma*, ordenada para a *intrínseca* união com a matéria. Um exemplo, contra todo “espiritualismo”, Tomás indica os remédios para a tristeza, que reside na alma. E enfrentando esta questão na *Suma Teológica* (I-II 38, 5) chega a recomendar banho e sono como remédios contra a tristeza! Pois, diz Tomás, tudo aquilo que reconduz a natureza corporal a seu devido estado, tudo aquilo que causa prazer é remédio contra a tristeza.

Tivesse prevalecido (na prática e na pastoral) a antropologia de Tomás teríamos estado, desde o século XIII, em muito melhores condições de compreender a realidade humana e, por exemplo, sua condição psicossomática (e somatopsíquica...). Tomás é tão “materialista”, que nas questões de *Quodlibet* (*Quodl.* 5, q. 9, a. 2, c), tratando do jejum, dirá que o jejum é sem dúvida pecado (*absque dubio peccat*) quando debilita a natureza a ponto de impedir as ações devidas: que o pregador pregue, que o professor ensine, que o cantor cante..., que o marido tenha potência sexual para atender sua esposa! Quem assim se abstém de comer ou de dormir, oferece a Deus um holocausto, fruto de um roubo.

Como indicávamos, essa posição de Tomás era excepcional, considerada, em sua época, quase herética: a teologia contemporânea recusava a doutrina de uma única alma no homem e afirmava a existência de três (naturalmente a “alma espiritual”, independente da matéria é que era considerada a decisiva, em detrimento da “alma vegetativa” e da alma “sensitiva”). Se, desde Platão, o exagerado “espiritualismo” tem sido uma tentação (especialmente para visões superficiais do cristianismo) e, na Idade Moderna, o Ocidente se lança de vez na dicotomia mente x matéria...

Essa dicotomia gera uma espécie de esquizofrenia no cristianismo: por um lado, propõe-se um cristianismo “espiritual”, onde a matéria, o corpo, o sexo e as paixões são maniqueisticamente consideradas “do mal”; mas, por outro - é o caso do catolicismo, por exemplo, - aposta-se na matéria como o grande indutor de atitudes espirituais. Consideremos, por exemplo, a liturgia. O que é a liturgia senão a aplicação até as últimas consequências da tese: *anima forma corporis* (a alma é forma do

corpo)? A realidade mais espiritual vem traduzida em gestos, cores, e cantos. E a graça sacramental é eficazmente veiculada pela materialidade do vinho e do pão, "fruto da terra e do trabalho do homem". Fora desse reconhecimento da realidade natural, corporal do homem a liturgia desapareceria: que sentido teria a liturgia quando se considera o homem uma espécie de espírito puro unido acidentalmente à matéria (para que serviriam sacramentos, gestos, imagens, etc., se a religião é "espiritual"?)

O mais surpreendente nesse quadro é que precisamente por sua fé na Criação, que o católico pode afirmar a mais decidida valorização e autonomia das realidades temporais: **porque** o mundo é obra do *Logos*, a realidade temporal tem sua verdade própria, suas leis próprias, naturais, descartando o clericalismo.

Esta é mesmo a doutrina oficial da Igreja, nos documentos do Concílio Vaticano II, que rejeita definitivamente tanto o clericalismo quanto o laicismo que pretende afastar Deus da realidade social. Na mesma passagem (4, 36) em que a *Lumen Gentium* afirma: "nenhuma atividade humana pode ser subtraída ao domínio de Deus", ajunta: "é preciso reconhecer que a cidade terrena, a quem são confiados os cuidados temporais, se rege por princípios próprios". E a *Gaudium et Spes* (1, 3, 36): "Se por autonomia das realidades terrestres entendemos que as coisas criadas e as mesmas sociedades gozam de leis e valores próprios, a serem conhecidos, usados e ordenados gradativamente pelo homem, é absolutamente necessário exigí-la. Isto não é só reivindicado pelos homens de nosso tempo, mas está também de acordo com a vontade do Criador. Pela própria condição da criação, todas as coisas são dotadas de fundamento próprio, verdade, bondade, leis e ordem específicas. O homem deve respeitar tudo isto, reconhecendo os métodos próprios de cada ciência e arte"<sup>7</sup>.

Assim, já para Alberto Magno e Tomás de Aquino, não só é ridículo e inaceitável entrar com autoridades bíblicas ou eclesiais em discussão científica e natural: é um desrespeito ao próprio Deus, *Logos Criador*.

Infelizmente, na prática histórica da Igreja, essa autonomia das realidades temporais nem sempre tem sido respeitada; pelo contrário: assistimos a uma escalada do "catolicismo insaciável". A expressão "*catolicismo insaciável*", foi cunhada em 1952 pelo saudoso filósofo Julián Marías (ele mesmo um católico exemplar), para denunciar certo tipo de fanatismo, vigente na Espanha franquista. Após enumerar as manobras dessa insaciabilidade, que impunha - com força de dogma religioso, opiniões políticas, estéticas, filosóficas etc. - Marías (1988, p. 51 e ss.) conclui:

Isto procede de um espírito, frequente no catolicismo espanhol e que não tem nada que ver com o catolicismo como tal, que se poderia chamar de "insaciabilidade". Há em Espanha excessivas pessoas que não se contentam com que alguém seja católico; não lhes basta que se creia nos artigos da fé, que se recebam os sacramentos e que se cumpra, na medida do possível, o Decálogo...

Não se contentam com o Credo, os sacramentos e os mandamentos: são insaciáveis! Para eles, é necessário, além disso, opinar que o único catolicismo autêntico é o deles, é necessário adotar certas posições políticas, com as quais não se sentem solidários os católicos do resto do mundo; é necessário crer em uma série de "dogmas" - que vão da política à pedagogia, passando pelas artes, ciências, cultura etc. - e que nada têm que ver com o catolicismo<sup>8</sup>. E se alguém se atreve a divergir

<sup>7</sup>. Cfr. também *Apostolicam Actuositatem* (II, 7).

<sup>8</sup>. Para o fanatismo católico, veja-se meu estudo "Religião e Liberdade - a "Revanche de Deus", Neomaniqueísmo e Fanatismo Religioso" <http://www.hottopos.com/mirand14/jean.htm> E também: "O diálogo entre a fé e a razão" <http://www.hottopos.com/rih15/lauand.pdf>

minimamente de alguns desses “dogmas humanos”, as sacristias de fariseus insaciáveis consideram-no imediatamente excluído e desqualificado em termos absolutos.

### **Segundo ponto: a mística do cotidiano<sup>9</sup>.**

Indicaremos agora, brevemente e a título de alusão, as fecundas projeções para a espiritualidade, dessa doutrina da criação, tipificada em Adélia Prado.

Para além do exposto, essa presença fundante do *Logos* na realidade criada – junto com a Encarnação do Verbo, que assumiu a nossa carne – abre perspectivas maravilhosas para uma espiritualidade católica, no sentido inverso do desprezo do mundo da tradição monástica. É a proposta de espiritualidade da poeta Adélia Prado. Em conferência no programa “Sempre um Papo”, TV Câmara, 06-08-08 (<http://www.sempreumpapo.com.br/audiovideo/index.php>) Adélia Prado reafirmou a visão de mundo que informa sua poesia: a mística do cotidiano.

E é a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda. E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa - que já tinha visto muitas vezes - “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!” -, aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido. Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extraordinário) (...) E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida. O nosso heróico, o nosso heroísmo é deste cotidiano... nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis... O cotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro: “Há mulheres que dizem: / Meu marido, se quiser pescar, pesque, / mas que limpe os peixes (...)”.

---

<sup>9</sup> Um estudo mais completo sobre o tema encontra-se em: <http://www.hottopos.com.br/notand5/algeb.htm>

### Terceiro ponto: o sentido do mistério e a primazia da virtude da prudência<sup>10</sup>

Mas a doutrina católica da Criação também tem outro lado não menos essencial: o sentido do mistério em relação às realidades divinas e às realidades criadas: porque foram criadas pelo *Logos*, o intelecto humano não pode abarcá-las, esgotá-las; numa palavra: *theologia negativa* e *philosophia negativa*. Mais do que nunca, a teologia e a espiritualidade precisam manter vivos o sentido do mistério e nem é preciso dizer que o mistério e o “negativo” são insuportáveis para os fariseus das sacristias, com suas certezas teológicas e cinco mil regrinhas e preceitos morais.

Nesse quadro de mistério, pode-se compreender melhor o significado da virtude da *prudentia*<sup>11</sup>: porque não conhecemos completamente as coisas, não podemos ter a certeza matemática nem critérios operacionais para discernir o bem; para a boa decisão moral precisamos das (frágeis e incertas) luzes da *prudentia*.

O *Catorex* ignora a virtude cardinal da Prudência. Confesso que - em milhares de missas de que participei - nunca ouvi uma pregação sobre essa virtude! Por ela, a Igreja reconheceria a maturidade de cada fiel e deixaria de tutelá-lo como se fosse menor de idade...

É difícil subestimar a importância da Prudência, a principal virtude cardinal na tradição da Igreja e no pensamento de Tomás: não é que ela seja a primeira *inter pares*, mas é principal em uma ordem superior, é a mãe das virtudes, *genitrix virtutum* (*In III Sent.*, d 33, q 2, a 5, c) e a guia das virtudes, *auriga virtutum* (*In IV Sent.*, d 17, q 2, a 2, dco).

Se, hoje, a palavra *prudência* tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão "em cima do muro"; classicamente, ao contrário, ela expressa exatamente o oposto da indecisão: é a arte de, cada ser humano, por si mesmo, decidir-se corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos etc., mas, unicamente, com base na *realidade*: em virtude do límpido conhecimento do ser. É este conhecimento do ser que é significado pela palavra *ratio* na definição de *prudentia: recta ratio agibilium*, "reta razão aplicada ao agir", como repete, uma e outra vez, Tomás.

O esquecimento da prudência, da verdadeira prudência, é uma constante nos fundamentalismos, pois ela devolveria ao indivíduo a direção de sua vida, subtraindo-o às mil casuísticas dos códigos morais dos fariseus.

Prudência é olhar para a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa. Sem esse referencial, fundamentados em quê tomamos nossas decisões? Quando não há essa *simplicitas*, a simplicidade que se volta para o real como único ponto decisivo na decisão, ela acaba sendo tomada com base em outros fatores. Mas este olhar para a realidade é somente uma parte da prudência; a outra parte, ainda mais decisiva (literalmente) é transformar a realidade vista em decisão de ação, em comando: de nada adianta saber o que é bom, se não há a decisão de realizar este bem...

A grande tentação da imprudência (sempre no sentido clássico) é a de delegar a outras instâncias o peso da decisão que, para ser boa, depende só da visão da realidade. Há diversas formas dessa abdicação: do assumir um minucioso código de regrinhas morais (com os casuísmos dos fariseus) ao abuso da direção espiritual...

De fato, uma das mais perigosas formas de renúncia a enfrentar a realidade (ou seja, a renúncia à *prudentia*) é abdicar dessa fina sensibilidade de discernir o que,

---

<sup>10</sup> Por mera (e feliz) coincidência, sob ótica relativamente distinta, este tema é contemplado neste volume no criterioso artigo de Roberto C. G. Castro: "Negatividade e prudência no pensamento de Josef Pieper".

<sup>11</sup> Um estudo mais completo sobre o tema encontra-se em: [www.hottopos.com/notand11/jean\\_mauro.htm](http://www.hottopos.com/notand11/jean_mauro.htm)

naquela situação concreta, a realidade exige e troca-la por critérios operacionais rígidos, como num “Manual de escoteiro moral” ou, por um estreito legalismo à margem da virtude da justiça. É também o caso do radicalismo adotado por certas propostas religiosas. Tal como o “Ministério do Vício e da Virtude” do regime Taliban, algumas comunidades cristãs - em vez de afirmar o direito (e o dever) do fiel de discernir o que é bom em cada situação pessoal concreta - simplificam grosseiramente: em caso de dúvida, é pecado e pronto!

A primazia da Prudência é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa e o caráter dramático da prudência se manifesta claramente quando Tomás mostra que não há “receitas” de bem agir, não há critérios comportamentais operacionalizáveis, porque - e esta é outra constante no *Tratado* - a prudência versa sobre ações contingentes, situadas no “aqui e agora”.

E é que a prudência é virtude da inteligência, mas da inteligência do concreto: a prudência não é a inteligência que versa sobre teoremas ou princípios abstratos e genéricos, não!; ela olha para o “tabuleiro de xadrez” da situação “aqui e agora”, sobre a qual se dão nossas decisões concretas, e sabe discernir o “lance” certo, moralmente bom. E o critério para esse discernimento do bem é: a realidade! Saber discernir, no emaranhado de mil possibilidades que esta situação me apresenta (que devo dizer a este aluno?, compro ou não compro?, caso-me ou não?, devo responder a este *mail*? etc.), os bons meios concretos que me podem levar a um bom resultado, à plenitude da minha vida, minha realização enquanto homem. E para isto é necessário ver a realidade concretamente. De nada adiantam os bons princípios abstratos, sem a *prudentia* que os aplica - como diz Tomás - ao “outro pólo”: o da realidade (que significa “amar o próximo” nesta situação concreta?).

A condição humana é tal que - muitas vezes - não dispomos de regras operacionais concretas: sim, há um certo e um errado objetivos, um “*to be or not to be*” pendente de nossas decisões, mas não há regra operacional. Tal como para o bom lance no xadrez, há até critérios gerais objetivos... mas não operacionais concretos!

Note-se que esta é também a razão da insegurança em tantas decisões humanas: a *prudentia* traz consigo aquele enfrentamento do peso da incerteza, que tende a paralisar os imprudentes<sup>12</sup>.

É dessa dramática imprudência da indecisão, que falam alguns clássicos da literatura: do “*to be or not to be...*” de *Hamlet* aos dilemas kafkianos (o remorso impõe-se a qualquer decisão), passando pelo “Grande Inquisidor” de Dostoiévski (p.226), que descreve “o homem esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher” e apresenta a massa que abdicou da prudência e se deixa escravizar, preferindo “até mesmo a morte à liberdade de discernir entre o bem e o mal” (p.225). E, assim, os subjugados declaram de bom grado: “Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis” (p. 224).

### **Bibliografia:**

*Catecismo da igreja católica*. São Paulo, Loyola/ Vozes, 1993.

Cunha, Paulo Ferreira da “Pensamento indiano: inspirações e desafios” in Lauand, Jean (org.) *Filosofia e Educação: o Ocidente e os Orientes* São Paulo, ESDC, 2006.

*Documentos do concílio ecumênico vaticano II*. São Paulo, Paulus, 1997.

Dostoiévski, Fiódor M. *Os Irmãos Karamázovi* São Paulo, Ouro, s.d.

---

<sup>12</sup>. Como indicávamos, curiosamente, a *prudentia*, virtude da decisão, converteu-se na atual “prudência” indecisa...

- Ferreira, Dario F. et al. *Opus Dei os bastidores*. Campinas, Verus, 2005
- Garaudy, Roger *Promessas do Islam*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
- Gibran, G. K. *Sand and Foam*, 1926 <http://www.arab2.com/gibran/sand-foam/sf06.htm>
- Guardini, Romano *Sinais Sagrados* Braga Franciscana 1962
- Lauand, Jean “Ciência e *Weltanschauung* - a Álgebra como Ciência Árabe” <http://www.hottopos.com.br/notand5/algeb.htm>
- “Mestre Pennacchi: Arte Integração, Estética da Participação”: <http://www.hottopos.com/notand15/lauand0.pdf>
- “Religião e Liberdade – a “Revanche de Deus”, Neo-Maniqueísmo e Fanatismo Religioso” <http://www.hottopos.com/mirand14/jean.htm>
- “Saber Decidir: a Virtude da *Prudentia*”: [http://www.hottopos.com/notand11/jean\\_mauro.htm](http://www.hottopos.com/notand11/jean_mauro.htm)
- “O diálogo entre a fé e a razão” <http://www.hottopos.com/rih15/lauand.pdf>
- Marías, Julián "Dios y el César" in *Sobre el Cristianismo*, Barcelona, Planeta, 1998,.
- Saramago, José *Cadernos de Lanzarote*, III, Editorial Caminho, Lisboa, 1996.
- Tomás de Aquino: *A Prudência*, São Paulo, Martins Fontes, 2005

Recebido para publicação em 10-06-10; aceito em 01-07-10